

# AS MULHERES NA SAGA DO GRAAL: UMA INTERPRETAÇÃO DE NARRATIVAS MÍTICAS DO SAGRADO FEMININO

*Data de submissão: 08/06/2023*

*Data de aceite: 03/08/2023*

### **Denise Santos de Figueiredo Vale**

Mestra no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – PPGCR/UEPA.  
Belém – Pará  
<http://lattes.cnpq.br/3905552367443657>

### **Lídia Maria da Costa Valle**

Mestra no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – PPGCR/UEPA.  
Belém - Pará  
<http://lattes.cnpq.br/7723411269976310>

### **Willá da Silva dos Prazeres**

Mestra no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – PPGCR/UEPA.  
Belém - Pará  
<http://lattes.cnpq.br/2944521998820955>

**RESUMO:** A saga arturiana possui muitas versões e elementos pré-cristãos e cristãos podem ser observados na mesma. O Graal pode ter sido no passado uma referência ao antigo caldeirão druídico, porém, segundo alguns simbologistas, foi gradativamente sendo incorporado – até ser definitivamente transformado – ao cálice que portou o sangue de Cristo vertido pelo seu fermento

no momento da crucificação. Este trabalho tem por objetivo desenvolver um panorama do simbolismo das personagens femininas presente nas antigas narrativas do Graal na saga arturiana e compreender como esse cálice sagrado, além da versão cristã, pode ter representações em antigos mitos e lendas de alguns povos celtas (das regiões da atual Inglaterra, Irlanda, Escócia, País de Gales, etc.) ligados ao divino feminino. Esse estudo será desenvolvido através de uma análise mitológica, pelas teorias de Joseph Campbell; pela interpretação do sagrado feminino desses mitos célticos feita pela psicanálise junguiana de Edward Whitmont; pelo estudo de mitologias comparadas e de literaturas correlatas. Percebe-se que a representação e importância das mulheres na saga ficam mais próximas da tradição celta, pois são as sacerdotisas, as portadoras e guardiãs dos mistérios do Graal. Elas são parte crucial dentro da saga, pois testam os heróis para verificar quem pode servir ao Graal, quem é digno dele, além delas terem paralelos com antigas Deusas célticas. Esse estudo pode corroborar com a interpretação de antigas culturas pré-cristãs e o possível papel da mulher nelas, bem como entender como esse discurso tem sido reestruturado na

contemporaneidade com fins de valorização do papel sacerdotal feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres, saga, graal, mistérios, deusas.

## WOMEN IN THE GRAIL SAGA: AN INTERPRETATION OF MYTHICAL NARRATIVES OF THE SACRED FEMININE

**ABSTRACT:** The Arthurian saga has many versions and pre-Christian and Christian elements can be observed in it. The Grail may have in the past been a reference to the old Druid cauldron, but according to some symbolologists it was gradually being incorporated – until finally being transformed – into the chalice that carried the blood of Christ shed by its wound at the time of the crucifixion. This work aims to develop a panorama of the female characters symbolism present in the ancient Grail narratives in the Arthurian saga and to understand how this sacred chalice, besides the Christian version, can have representations in ancient myths and legends of some Celtic people (from regions of current England, Ireland, Scotland, Wales, etc.) linked to the divine feminine. This study will be developed through a mythological analysis, by the theories of Joseph Campbell; by the interpretation of the sacred feminine of these Celtic myths made by the Jungian psychoanalysis of Edward Whitmont; by the study of comparative mythologies and related literatures. It is perceived that the representation and importance of women in the saga are closer to the Celtic tradition, for they are the priestesses, the bearers and guardians of the mysteries of the Grail. They are a crucial part of the saga, as they test the heroes to see who can serve the Grail, who is worthy of it, and they also have parallels with ancient Celtic goddesses. This study can corroborate with the interpretation of ancient pre-Christian cultures and the possible role of women in them, as well as understand how this discourse has been restructured in the contemporary times for the purpose of valuing the female priestly role.

**KEYWORDS:** women, saga, grail, mysteries, goddesses.

### 1 | INTRODUÇÃO

A saga Arturiana tem inúmeras versões e, dentre elas, a maioria que encontramos hoje se encontra cristianizada, mas nem sempre foi assim, pois a saga possui relatos anteriores ao advento ou fortalecimento do cristianismo no Ocidente. No passado os elementos celtas ou pagãos, inclusive com influências da mitologia greco-romana, ainda eram muito difundidos. Sendo assim, em uma das versões cristianizadas o Graal aparece numa festa de Pentecostes para Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda (WHITMONT, 1991), aqui Camelot, com toda a sua ideia civilizatória, depois o Graal viria como um símbolo de unificação, entre todos os envolvidos na saga, sejam homens ou mulheres. E este elemento unificador ajudaria a expandir a paz e a harmonia para todos os outros que não conheciam Artur ou Camelot.

Mas para isto ocorrer, os cavaleiros seriam submetidos a duras provas e entre eles estavam Lancelot, Galahad, Gawainw, Bors, Parsifal etc. Muito conhecidos e cantados ou contados por gerações e gerações desde o início da Idade Média.

E as mulheres na saga do Graal, onde estão? Qual o papel que desempenham? Por vezes, pode parecer que só os heróis tiveram um papel preponderante na grande busca. No entanto, muitos estudiosos, entre eles Edward Withmont, afirmam que o santo Graal está vinculado ao princípio feminino e várias de suas propriedades se relacionam com a fertilidade: “Segundo a tradição medieval, vaso, Graal e útero, assim como *lapis* (pedra), eram imagens sinônimas da Virgem Maria, mãe de Deus”. (WHITMONT, 1991, p.175)

Por vezes o Graal é transportado por damas e donzelas sobrenaturais ou muito especiais, ou em outros casos, são elas que vão guiando o **herói escolhido** até a conquista do mesmo. Aqui se percebe que a tradição do Graal é de origem mais antiga que a tradição cristã, pois o protagonismo dado à mulher remete às tradições celtas milenares, onde a mulher tinha papéis e funções preponderantes dentro da sociedade.

Há teorias que possa vir de uma possível época matrifocal<sup>1</sup> e pode-se apreciar que os “mistérios” são totalmente diferentes dos rituais cristãos. O interessante é que os grandes preceptores de Artur, o grande rei, são uma maga (Morgana) e um mago (Merlim), ou seja, quem ajuda Artur a se tornar um nobre rei e zela pelos princípios de Camelot são Morgana e Merlim. A saga do Graal tem muitas personagens femininas importantes, todavia optou-se neste artigo fazer a análise de cinco personagens muito importantes nas narrativas: Morgana, Guinevere, Viviane, Nimue e Ragnel. A partir destas personagens, inclusive, buscar um pouco da essência do feminino ou dos mistérios da Deusa-mãe ou Mãe-terra tão difundidos entre os celtas e observáveis nas entrelinhas da saga.

## 1. Morgana

A fada Morgana ou Morgana das fadas é uma personagem por vezes ambígua e misteriosa na saga arturiana. Sua representação oscila entre o divino e o diabólico. É filha da rainha Igrayne e do Duque de Cornwalles, sendo assim meia irmã de Artur. Um dos possíveis significados ao nome Morgana é **nascida do mar**, por isso, por vezes ela foi associada à ilha de Avalon, onde suposamente foi iniciada nos Mistérios da magia druídica, que também envolvia a comunhão com o sagrado feminino (ou nos Mistérios da Deusa, segundo a literatura de Marion Zimmer Brandley) e era uma das principais sacerdotisas. Geoffey de Monmouth (1973) descreve Morgana da seguinte forma em sua obra *Vita Merlini*:

A que primeira entre elas está mais versada na arte de curar e supera suas irmãs pela beleza de sua pessoa. Seu nome é Morgana, e tem aprendido que propriedades úteis possuem todas as ervas, de modo que pode curar corpos enfermos. Também conhece uma arte pela qual se pode mudar de forma, e percorrer o ar com asas novas como Dédalo. (MONMOUTH, 1925, p.26)

Mesmo com o advento do cristianismo esta provável sacerdotisa de Avalon tem papel

---

1 Teoria defendida por alguns estudiosos como a arqueóloga Marija Gimbutas, a historiadora Riane Eisler e a pesquisadora brasileira Rosalira Oliveira, que se trata de uma sociedade onde a linhagem e descendência paterna não são colocadas em total evidência e as mulheres gozam de certos privilégios mágico-religiosos, direito a terras e importância social.

preponderante na saga. Mas já nas versões cristãs não surge mais como a sacerdotisa dos Mistérios, ela aparece enfim como uma abominável bruxa. Certo é que o cristianismo tratou de demonizar as mulheres. Parece que para a concepção cristã o feminino só tem duas formas possíveis de representação, ou a Eva pecadora e banida do paraíso ou a Virgem Maria pura e casta. As mulheres da saga arturiana por vezes são relacionadas à Eva, isto ocorre com Morgana. Vista por muitos como uma bruxa terrível. Nem sempre ela foi associada ao mal, no período pré-cristão Morgana foi associada à deusa irlandesa Morrighan (regente do inverno e da guerra). Já na obra supracitada *Vita Merlini*, ela aparece como Rainha de Avalon, e é uma espécie de fada madrinha encarregada de dar cuidados a Artur em sua primeira infância.

Numa chave mais simbólica, Morgana aparece como a provocadora ou aquela que submete os cavaleiros a diversas provas para testá-los e verificar quem pode ser iniciado nos Mistérios da Deusa (desse divino feminino, por vezes esquecido) em Avalon. Em algumas versões ela assume a forma de Ragnel (lenda céltica/britânica), bela donzela vítima de um feitiço de fealdade, ao qual, na noite de núpcias, será desfeito no momento em que Sir Gawain lhe concede a soberania. Segundo Edward Whitmont:

O herói buscador é ansiosamente aguardado, pois ele é que irá desfazer o encantamento, resgatar o estado de graça, fazer as águas fluírem, curar o Rei e ajudá-lo a morrer e, dessa forma, alcançar para si a condição real. O herói deve conquistar tudo isso fazendo a pergunta mágica, que, em várias versões, aparece como 'A quem se serve através do Graal?' ou 'Qual o sentido disto?' ou 'O que te deixa doente?' (WHITMONT, 1991, p.175)

A resposta seria, para esse psicanalista, que a atual sociedade ainda não permite a libertação da natureza Yin (energia feminina segundo os chineses) desvalorizada e reprimida. É sobre isso que também fala o mito do Graal. Na perspectiva de Whitmont, a Deusa precisa ser novamente valorizada e assim a terra voltará a ser fértil e a humanidade reencontrará um ponto de unidade perdido. Para ele, não é à toa que hoje vigora a violência e a crueldade.

Sir Gawain será o campeão da deusa, iniciado nos Mistérios do Feminino: "Gawain também é chamado de Fonte de Maio, o 'do cabelo brilhante', 'aquele que recebeu a juventude eterna' (em *diukrone*). Em seu escudo, apresenta o pentagrama, o nó infinito, o emblema de Vênus Ishtar. É tanto o herói solar irlandês como o deus do ano novo, que cura e renova o velho deus, protetor do caldeirão". (WHITMONT, 1991, p.187)

Ele adquiriu esta condição depois de haver permitido a dona Ragnel, tomar a decisão sobre sua vida, ele lhe concedeu a soberania e a possibilidade de ser ela mesma, ter suas próprias escolhas. Dando essa soberania a donzela, ele passa a ter papel de legítimo herói que cultua e respeita o sagrado feminino.

Assim como a deusa Morrighan, Morgana tem características selvagens e obscuras que representam os poderosos atributos terrenos do inverno e a guerra em seu aspecto

mais destrutivo. Como deusa da guerra é sedutora e perversa. Isto se manifestava nela quando se sentia traída. Em várias tradições míticas aparece a ideia do feminino irado ou traído como no mito hindu em que Vishnu e Garuda se negam a prestar homenagens a grande Deusa e são petrificados por esta, inclusive os outros Deuses que tentam salvá-los também. Só quando Shiva, o consorte da Deusa, os leva até ela para prestar as devidas homenagens é que todos saem de seu estado de rigidez absoluta. (WHITMONT, 1991, p. 190)

Morgana possuía também consideráveis dons proféticos. Era por vezes encantadora, sobretudo para os cavaleiros. Podia ser uma excelente e poderosa amiga, mas também uma inimiga terrível e desapiedada caso quisesse. Dessa maneira, numa interpretação do simbolismo *junguiano*, esta personagem representaria esta *anima* feminina que pode ser por vezes obscura e irada ou dócil e harmonizadora. Lograr um ponto de equilíbrio é o que gera a cura e esta é a maior arte desenvolvida por Morgan Le Fay. Ela poderia representar então um caminho de equilíbrio na busca pelo sagrado feminino perdido na sociedade.

## 2. Guinevere

A desertificação da terra (terra estéril) tem relação com o ferimento do rei. Sua redenção volta a trazer vida à terra. Por isso a busca pelo Graal como elemento de redenção: “Na festa de Pentecostes, o Graal apareceu-lhes num raio de sol. Juraram ir a sua busca. Cada um tomou um caminho diferente e submeteu-se a provas de iniciação”. (WHITMONT, 1991, p. 174)

A causa da ferida incurável do rei possui várias versões, numa delas este mal acomete Artur depois dele ter sido traído por sua bela e amada esposa. Em outras lendas célticas, o ferimento de um cavaleiro pode ser causado pelo fato dele ter desrespeitado alguma donzela encantada. Em linhas gerais, a redenção do Graal – redimir-se com o feminino – curaria a ferida e traria florescimento a terra.

Guinevere é associada à própria vida, vitalidade e também seria a própria *anima* da corte. Ela é filha de Sir Leondegrance e destinada a reinar em Camelot como esposa de Artur. Por vezes, conhecida como “noiva florida”, desta forma poderíamos associá-la com a deusa celta Ainé, senhora da fertilidade, do amor e da primavera. Patrona da colheita e protetora do gado. Lembra a deusa Perséfone que é raptada por Hades e só quando volta à superfície para ficar com sua mãe Deméter é que se manifesta a primavera.

Como **noiva florida** é raptada e resgatada alternadamente. Isto fica evidente no romance *Le Chevalier de la charrete*, de Troyes Chretien (1997), onde Guinevere é raptada pelo cavaleiro Meleagranth e resgatada, com alguma dificuldade, pelo belo cavaleiro Lancelot. A mulher na mitologia celta, em muitos momentos, pode ser submetida ao rapto e posterior resgate pelo herói que será premiado com as delícias de seu amor. Em alguns momentos, a própria mulher pode sequestrar o herói para levá-lo a ilhas longínquas ou

secretos castelos mágicos para torná-lo imortal por meio do seu amor, como por exemplo a ninfa Calipso que aprisiona Ulisses por 10 anos em sua gruta. Num simbolismo mais profundo, pode-se relacionar esta mulher com a própria força do amor que fará com que o herói transcenda a condição humana ou como diria Joseph Campbell no *Herói de Mil Faces*:

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem. E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objeto, serão libertados de todas as limitações. (CAMPBELL, 1997, p. 65)

Mas para chegar até seu objetivo final, ele precisa saber antes que é filho da terra e muitas vezes as mulheres são associadas a esta Mãe-terra (ELIADE, 1992). Como diria um chefe Seattle em carta descrita por Joseph Campbell: “O que sabemos é isto: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas, assim como o sangue nos une a todos. O homem não teceu a rede da vida, é apenas um dos fios dela. O que quer que ele faça à rede, fará a si.” (CAMPBELL, 1990, p. 34)

Ainda segundo Campbell, em muitas culturas os homens eram iniciados em ritos relacionados à Mãe-terra para compreender que não bastava servir apenas aos seus próprios gostos pessoais, que precisavam servir a algo maior do que eles próprios, no caso a terra de onde vieram. Segundo os vários trabalhos de Joseph Campbell e Mircea Eliade, isto se perdeu no Ocidente, ou seja, a terra deixou de ser vista como divindade, nas culturas dominantes, e conseqüentemente a mulher também perdeu igual prestígio social e religioso. Edward Whitmont segue a mesma interpretação simbólica e afirma que toda vez que o homem se encontra e serve – inclusive sexualmente – a uma mulher, isto não é mais interpretado na chave mítico-simbólica e, por vezes, pode ser tido como algo pervertido e imoral. Mas o encontro com a Deusa, ou a mulher que a representa, é muito comum nos mitos e pode ser interpretado da seguinte maneira: “O encontro com a Deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói deve ser dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor jáú), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade.” (CAMPBELL, 1997, p.67)

Com respeito à sexualidade e a castidade desde o ponto de vista celta, na lenda do Graal, não se exige aos heróis uma abstinência rigorosa para uma empreitada tão mística. Só em versões tardias e com notória influência cristã, a virgindade será uma condição *sine-qua-non* do herói escolhido, coisa que num primeiro momento era irrelevante. A mulher não se sente culpada se por vezes se insinua para um herói depois de haver exigido alguma determinada prova, tal como lady Bercilak, esposa do cavaleiro verde, que entra no quarto de Sir Gawain e se oferece ao herói.

Por trás da história de Guinevere existem traços da cultura celta onde a mulher tinha liberdade de escolhas e de comportamentos. Segundo relatos de um historiador grego chamado Diodorus Siculus, “as mulheres dos gauleses não são apenas como os homens em sua grande estatura, mas também são páreo para eles em coragem” (Livro V, pg 183) e elas “se acostumaram a trabalhar em igualdade de condições com os homens” (Livro V, pg 205).

Além disso, existia a tradição celta, apontados por alguns historiadores europeus e pelo celtista brasileiro Claudio Crow Quintino, na qual a rainha podia governar por próprio direito e isto a possibilitaria a ter seus próprios exércitos, empunhar armas e ter liberdade inclusive sexual. Esse comportamento e posição social das mulheres celtas, em especial das rainhas, são descritos pelo imperador Júlio César em *O Bello Gallico*<sup>2</sup> quando do seu contato com esses povos. Este conceito celta de liberdade da mulher era inconcebível para os autores medievais, cuja visão cristã não aceitava a rainha com amantes, mas permitia um rei com concubinas. Os escritores do medievo, ao transcrever lendas, possivelmente filtraram as questões sexuais e outras que lhes eram impróprias. (QUINTINO, 2000)

Mas como interpretar numa chave mais psicológica a traição de Guinevere? Pode-se falar de uma *anima* (Guinevere) entre dois mundos, um mundo dos desejos e paixões (representado por Lancelot) e um mundo espiritual (representado por Artur). É como se esta situação fosse uma prova para todos os três personagens: Guinevere, Artur e Lancelot. Uma prova de tentação e a mulher, muitas vezes, põe à prova os heróis para ver se são merecedores de se tornarem de fato campeões e chegarem a suas metas. Mas depois de todo o enlace amoroso, Guinevere volta para Artur e se estabelece de fato o casamento entre a rainha e o rei. Sendo assim:

O casamento místico com a rainha-deusa do mundo representa o domínio total da vida por parte do herói; pois a mulher é vida e o herói, seu conhecedor e mestre. E os testes por que passou o herói, preliminares de sua experiência e façanha últimas, simbolizaram as crises de percepção por meio das quais sua consciência foi amplificada e capacitada a enfrentar a plena posse da mãe-destruidora, de sua noiva inevitável. (CAMPBELL, 1997, p. 68)

Por vezes, essa alma se lança à traição do espírito e cede às tentações dos desejos, mas depois aprende com esta situação e evolui por ter passado pelo ocorrido. A Deusa estaria dividida entre um amor divino e um amor terreno e os gregos utilizavam o mito da Vênus Pandemus (amor carnal) e Vênus Urânia (amor sublime) para simbolizar o mesmo arquétipo. Seu amor terreno (Lancelot), mais que degradá-la, a eleva até outro amor mais sublime e ela volta para Artur e se separa de vez de Lancelot.

### 3. Viviana

Em algumas versões e lendas medievais aparece como filha de Anna (suma

---

<sup>2</sup> É um registro muito usado pelos historiadores e **celtistas**, aliado a arqueologia das regiões povoadas por essas tribos.

sacerdotisa de Avalon) e irmã de Igreyne, mãe de Artur. Desde criança foi educada para ser uma sacerdotisa de Avalon e em algumas literaturas se torna a portadora do Graal, em outras a guardiã de Excalibur. De qualquer forma esta personagem está relacionada ao arquétipo da sacerdotisa e assim como em Roma as Vestais faziam voto de castidade enquanto durasse seu serviço ao fogo de Roma, também Viviana, em versões cristãs, preserva sua virgindade para se tornar a portadora do Graal. A pureza é normalmente relacionada à virgindade no cristianismo, mas nem sempre foi assim no mundo celta. Inclusive só em versões cristãs o Graal é associado à taça em que se recolheu o sangue de Cristo na Cruz, na verdade nas versões pré-cristãs é relacionado ao caldeirão druida. Como num romance chamado **A Senhora de Avalon**, de Marion Zimmer Bradley, em que temos a seguinte descrição:

Olhou para o Graal mais uma vez, e dessa vez viu um caldeirão que continha o oceano do espaço, repleto de estrelas. Uma voz saiu daquela escuridão, tão suave que mal podia ouvi-la, e no entanto sentiu uma vibração até nos ossos: Eu sou a dissolução de tudo o que já existiu. De mim nasce tudo o que virá, abraça-me, e minhas águas escuras poderão embalá-la. Pois sou o caldeirão do sacrifício, mas sou também o recipiente do nascimento, e das minhas profundezas você poderá renascer. Filha, venha a mim e leve meu poder para o mundo. (BRADLEY, 1997, p. 398)

Viviana foi a primeira donzela do Graal, que por necessidade de socorrer o povo da Bretânia, trasladou o sagrado cálice de seu altar em Avalon, ao mundo dos homens, iniciando assim o ciclo dos mistérios e a posterior sagrada busca por parte dos heróis escolhidos.

Segundo Edward Whitmont, o mito do Graal é a forma mais atualizada de um mito comum em várias tradições que é o mito de redenção. Esta busca ocorre para que os seres humanos, por meio de seres excepcionais que são os heróis, possam se redimir de uma falta para com a divindade ou por um *hybres* como diriam os antigos gregos. Agora qual seria essa falta? Seria o esquecimento dos cultos e honras à Deusa mãe ou Terra-mãe ou o nome que se queira dar, pois segundo Campbell:

Na visão antiga a deusa Universo estava viva, ela mesma constituía organicamente a Terra, o horizonte e os céus. Agora ela está morta, e o universo não é mais um organismo, mas uma construção na qual os deuses repousam cercados de luxo, não como personificações das energias pelo seu modo de agir, mas como inquilinos de elite, que precisam ser servidos. E o Homem, portanto, não é mais uma criança nascida para florescer em conhecimento de sua própria porção eterna, mas um robô concebido para servir. (CAMPBELL, 2015, p.28)

Porém Viviana é em algumas versões considerada uma fada e por vezes é confundida com a feiticeira que cria um estratagema e aprisiona Merlim, apoderando-se do “Mantra da criação”, mas na verdade quem ludibria Merlim é Niniana (em algumas versões), outra personagem feminina do universo arturiano.

Mas podemos relacionar Viviana ao arquétipo de sacerdotisa e servidora dos Mistérios de Avalon, umas das primeiras desta linhagem sacerdotal que recebe de sua mãe a honra de servir ao Graal ou antigo caldeirão de onde emana vida e para onde se volta depois da morte. Mas nos tempos pré-arturianos, a fé nos antigos mistérios já havia começado a decair. Como se os Deuses celtas, velhos e cansados, começassem a retroceder ante o avanço do Deus único dos padres da igreja. Quando Igrayne, mãe de Morgana e Artur, pergunta a Viviana o porquê de suas visitas mais difíceis e espaçadas, Viviana responde com pesar que Avalon fica cada vez mais distante dos homens. Com esta resposta, Viviana queria significar a perda da fé nos Mistérios do divino feminino. Mas segundo Joseph Campbell, isso se deve a uma interpretação reduzida dos textos sagrados do judaísmo-cristianismo, pois:

Em Moisés e o monoteísmo, Freud se pergunta por que, bem quando os outros povos do mediterrâneo oriental estavam aprendendo a ler seus mitos de maneira poética, os judeus se tornaram mais empedernidos do que nunca no modo concretista (Freud o chama de "religioso") de interpretar a idéia de Deus. O motivo mais óbvio, eu diria, é que tanto eles quanto suas deidade tribal não perceberam que as águas profundas do abismo (*tehom*), sobre as quais *Elohim* pairava e soprava nos dois primeiros versos de Gênesis 1, não era apenas água, mas a antiga deusa babilônica do mar primevo, Tiamat (*ti'amat*). Deixar de apreciar a poesia de sua presença é o que deu início a todo esse mal entendido até sobre si mesmo. A ela, sua consorte cosmológica, é que ele deveria ter escutado, às vezes, quando sentia vontade de jogar o Livro na cabeça de seus filhos desobedientes. (CAMPBELL, 2013, p.30)

Desta forma, a redenção que a busca do Graal traz é a própria redenção do feminino que não precisa mais apenas ter dois caminhos como anunciados pelo judaísmo-cristianismo, ou Eva (pecadora) ou Maria (pura e virginal). Ela pode agora empreender a busca por compreender a sua própria essência, tão buscada outrora como nos Mistérios relacionados à Deusa mãe. Ou como diria Whitmont: "Em seu novo aspecto, a dimensão feminina aparece como reveladora, guardiã e desafiadora: mediadora do ser como é para si mesma e para o masculino, sacerdotisa dos valores e mistérios da vida." (WHITMONT, 1991, p.211)

Viviana é interpretada simbolicamente como aquela que para sempre será a suma sacerdotisa de Avalon, considerada a mãe protetora da alvorada do ciclo, uma das que talvez zelem por Artur nesta ilha mágica e esperem o momento para que o rei e seus mistérios, numa linguagem mitológica, possam retornar num novo ciclo de Ouro.

#### 4. Nimue

Nimue é uma das mais misteriosas personagens da tradição arturiana, por vezes é confundida com Viviana ou Niniana, mas no romance **A senhora de Avalon** todas estas são personagens diferentes. Em uma das lendas se diz que mora no fundo do Lago Encantado e é ela quem entrega a espada para Artur.

Em muitos momentos, quando aparece o elemento água em histórias míticas, pode-se associá-lo ao inconsciente (JUNG, 2000). E receber a espada das mãos de Nimue, num lago encantado, representa uma das provas de superação das forças obscuras para o herói, ou segundo Whitmont:

A sedutora desafia-nos a deixar de lado a confiança simplista no poder das boas intenções e a encarar os aspectos sombrios da existência e do ser sem rejeitá-los ou reprimi-los, mas também sem sucumbir nem ser tragado por eles. (...) Este novo ego é afirmativo. Aceita o que antes tinha rejeitado: a sensualidade e o prazer, mas também o ferimento, a dor, o incômodo e o desequilíbrio. (WHITMONT, 1991, p. 207)

Em outras palavras, o inconsciente também é tido como símbolo associados ao aspecto Yin da natureza ou do feminino, distintos dos valores patriarcais de controle e ordem a qualquer preço. Artur precisa inclusive usar seu lado intuitivo para aceitar a espada vinda da mão de um ser encantado e sedutor como Nimue, se usasse sua razão, voltaria atrás e nunca se tornaria o Rei Artur. Esta já é uma das provas pelas quais passa Artur, pois o encontro com as águas em uma chave de interpretação mais psicológica poderia significar o encontro com seu próprio inconsciente e voltar com um símbolo de poder, força e vontade – como é a espada – poderia significar que este já tem algum domínio sobre seu aspecto inconsciente ou tem, pelo menos, mais contato com este de forma não repressora e sim de forma intuitiva e integrativa.

Pode-se dizer que a personagem Nimue representa resquícios das antigas religiões pagãs que tinham seus espíritos e seres como ninfas, ondinas, sátiros etc. Na tradição amazônica temos a mãe d'água como um dos encantados da natureza. Na Europa tem-se essas ninfas que poderiam entregar objetos que gerariam imenso poder para aquele que os portassem. Mas só o escolhido tinha acesso a estas armas mágicas, para a maioria das pessoas era impossível de chegar a tais aproximações.

## 5. Ragnell

Conta-se que o Rei Artur e um grupo de cavaleiros se encontrava em uma jornada de caça. Mas ao avistar e perseguir uma presa, o rei se afastou do grupo e foi interceptado por um terrível cavaleiro que em algumas versões aparece como Gromar ou Gromer. Ele havia sido derrotado por Artur em outro momento e agora desejava vingar-se.

Em uma das lendas ele vence Artur com magia e em outras Artur mostra que tem apenas uma adaga e não pode lutar naquele momento contra um cavaleiro com armadura e lança. O cavaleiro cede ante o rei desarmado, mas lança o desafio de voltar daí a um ano com a resposta ao seguinte enigma: o que é que uma mulher mais deseja no mundo?

O rei deu sua palavra e voltou ao encontro de seus cavaleiros. Mas o seu sobrinho, sir. Gawain percebeu que ele estava aflito e perguntou o porquê, Artur contou então a história. O sobrinho de Artur propôs então que eles saíssem a percorrer os povoados recolhendo as

respostas de todo mortal que cruzasse seus caminhos. Foi assim que encontraram o ser mais abominável que já tinham visto nessa vida: madame Ragnell (as vezes chamada de bruxa horrenda). Segundo a descrição de Whitmont:

Em seu caminho de volta até o castelo enfeitado, desanimados e abatidos, encontram a mulher mais feia que homem algum já viu na vida. Tem a pele do rosto vermelha como o sol poente. Dentes longos e amarelos destacam-se contra lábios grossos e moles. A cabeça repousa sobre um pescoço grande e grosso; é gorda como um sino. Não obstante, o horror de sua aparência não está apenas na fealdade de seus traços: em seus olhos grandes, estrábicos e avermelhados vê-se uma sombra aterrorizante de medo e sofrimento. (WHITMONT, 1991, p. 189)

Ela disse que entregaria a resposta certa a Artur sob uma condição: que sir. Gawain se casasse com ela. Como era muito fiel e leal a Artur, sir. Gawain aceitou este casamento e então a abominável dama disse a Artur que as mulheres esperam ser respeitadas pelos homens e acima de tudo o que uma mulher mais deseja é ter SOBERANIA.

No dia e local marcados, os dois cavaleiros se encontraram e Artur, antes de falar a resposta de Ragnell e torcendo para que seu sobrinho não fosse obrigado a casar com ela, entregou todas as respostas obtidas durante aquele ano ao cavaleiro inimigo, mas todas estavam erradas. Já sem opções, teve que dar a resposta que não queria e falou que a mulher deseja a soberania, pois o que mais lhe dá prazer e contentamento é que ela possa tomar suas próprias decisões. Assim o cavaleiro Gromer parte com muito ódio por ter sido respondido seu enigma. Artur fica com muito pesar no coração por ter de casar seu sobrinho com aquela abominável criatura, então:

É celebrado o casamento entre Gawaine e o hediondo ser. Toda a corte está compadecida de sua terrível sina. Quando os noivos ficam a sós na câmara nupcial, a noiva exige ser beijada. Apesar de sua repugnância, Gawaine consegue cumprir sua exigência. Nesse momento a aparência da noiva se transforma e então Gawaine tem nos braços a mais linda virgem que já viu na vida". (WHITMONT, 1991, p.190)

Ela revela que havia sido enfeitada por uma bruxa, mas que o ato de nobreza de Gawain a havia dado uma chance de viver com aquele encantamento. Então ele deveria escolher a partir daquele momento como a queria ver: se de noite só para ele como ela era de fato, um bela jovem, e para os outros de dia seria a feia Ragnell; ou ela teria aquela bela forma durante o dia na frente de todos e à noite voltaria a ser a hedionda besta. Ele podia escolher tê-la bela para si em sua intimidade ou na frente de toda a corte, ela pede que ele escolha então. Quando sir. Gawain decide não fazer esta escolha e pede que ela mesma o faça, então ele liberta completamente Ragnell do feitiço, pois ele concede soberania a dama e assim ela fica bela e jovem durante todo o dia e noite.

Numa chave simbólica, é possível ver Ragnell como um símbolo muito amplo dentro da trajetória do Graal, numa das interpretações pode-se conceber que muitas vezes a feminilidade é levada a exibir sua parte mais horrenda, o melhor que um homem pode

fazer é comportar-se com cortesia e manter o respeito. Assim poderia-se, de uma maneira rápida e eficaz, restaurar uma feminilidade tenebrosa e horrenda, a sua beleza natural e verdadeira. Sir Gawaine se inicia nos mistérios da Deusa, pois a honra, dignifica e respeita. Já segundo Whitmont:

Adequado a nosso tempo, a nova abordagem, portanto (aquilo que é exigido de Gawaine em seu teste), não é evitar o encontro, mas arriscar-se a ele, confrontando o mundo da Deusa, de Dioniso-Azazel-Pan, o deus pastor verde. Somos convocados a confrontar seu mundo em seus aspectos extasiantes e alegres, feios e aterrorizantes; a correr o risco de perder a cabeça, e por isso pagar o preço de sermos dolorosamente feridos; e não obstante, a não perder nem a consciência nem o autocontrole, nem o afetuoso interesse por nosso parceiro. (WHITMONT, 1991, p.197)

O fato de o homem se arriscar em conhecer os mistérios do feminino, passando por duras provas, por horrores e prazeres, faz com que ele se torne o vencedor, aquele que conquistou a si mesmo, controlou sua luxúria e violência e pode reponder as perguntas feitas desde sempre: “a quem ou a que serve?” A resposta neste linha de análise, seria à Deusa mãe ou Mãe-terra. Isto antes do advento do cristianismo, pois depois o caldeirão da bruxa ou dos druidas foi substituído pelo cálice em que se verteu o sangue de Cristo na crucificação e segundo os teóricos do sagrado feminino, a Deusa-mãe perdeu lugar para o Deus-homem num mundo onde o patriarcado se consolidou como única opção política, em que as mulheres tiveram que se tornar submissas a esta mentalidade política e religiosa e a própria religião se tornou uma forma de subjugação do feminino, já que a mulher tornou-se uma pecadora e tentadora como Eva e que por isso, inclusive, sofria todos os meses de sua vida com o sangue menstrual e tinha o parto mais doloroso e difícil do reino animal. A questão do feminino não era tratada desse modo nas tradições celtas, sobre a qual celtistas e folcloristas, aliado a trabalhos de outros historiadores, afirmam que a mulher era tida como sacerdotisa do divino feminino celta, ou como representação da própria Deusa mãe (Mãe natureza), que fertilizava e nutria tudo o que existia ao seu redor e que tinha na concepção e no parto um dos mistérios da vida.

## CONCLUSÃO

Por fim, o que as mulheres mais desejam? As chaves psicológicas da busca do antigo Graal podem revelar que a busca por descobrir uma essência feminina e masculina, que na cultura oriental foi chamada de Yin e Yang e que Jung chamou de *anima* e *animus*, é algo muito antigo. A busca por um autoconhecimento e encontrar sua essência é de fato uma das maiores buscas que o ser humano pode empreender. E no caso das mulheres, tão tolhidas por uma mentalidade sexista e misógina – até reforçada por algumas narrativas religiosas – esta busca por compreender um pouco mais a si mesma, sua própria identidade, tem se tornado algo evidente e forte nos últimos dois séculos:

Para as mulheres, como para a *anima*, a nova feminilidade requer a auto-afirmação para que lhes seja possível afirmar adequadamente a singularidade dos outros. Não podemos realmente dar aquilo que não temos. Tratamos os outros da mesma forma como nos tratamos, a despeito de nossas tentativas conscientes em contrário.

Para as mulheres, a auto-afirmação significa, antes de mais nada, aceitar que sua natureza é diferente da natureza dos homens, em vez de imitá-los, identificar-se e competir com eles, segundo padrões androlátricos. (WHITMONT, 1991, p.209)

Esse papel feminino desenvolvido em antigos mitos célticos, por mais que não provem completamente que as mulheres era assim tratadas no antigo mundo celta, apontam uma outra forma de estrutura social e sacerdotal e tem sido estudado por muitos folcloristas, celtistas, literatas, poetas, mitólogos, até psicanalistas *junguianos*. Esse compêndio de análises, interpretações e teorias sobre seus simbolismos tem inspirado muitos movimentos religiosos da contemporaneidade e da Nova Era. Como mostram as antropólogas brasileiras Elisete Schwade (2001) e Andréa B. Osório (2001), rodas de sagrado feminino, círculos de mulheres, neodruidismo, bruxaria moderna e vários outros circuitos neoesotéricos têm se alinhado a essa rica mitologia do divino feminino para criar uma nova orientação e espiritualidade voltada aos propósitos de uma mulher moderna em busca de **empoderamento**, autoconhecimento, auto-afirmação e cura.

Mas esta busca, longe de ser apenas feminina, é uma busca humana que dentro do templo de Elêusis, na Grécia, se resumia a uma orientação para todos aqueles que lá chegavam: “Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os Deuses e o universo”. Mas esse *homem* significaria humanidade ou seres humanos, pois para todos é necessário a compreensão mais profunda de **Quem sou?, Qual minha missão no mundo? ou A quem ou a que sirvo?**

Nos mitos hindus essa busca começa com um estratagema dos Deuses para esconder o fogo divino do ser humano. O deus Brahma chama um conselho de Deuses e eles sugerem que Brahma o esconda no mais alto das montanhas, no mais fundo dos oceanos, no lugar mais deserto, enfim, Brahma pensa por uns instantes e decide esconder o fogo divino no interior de cada ser humano, pois sabia que estes desbravariam todos os lugares mais perigosos e longínquos para achar o divino, mas se esqueceriam de se voltar para dentro de si mesmos.

O mito do Graal fala desta busca que não é para fora e sim para dentro da alma humana, a fim de desvendá-la e compreendê-la.

## REFERÊNCIAS

BRADLEY, Marion Zimmer. **A Senhora de Avalon**. São Paulo: editora Rocco, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

\_\_\_\_\_. **Deusas.** Os Mistérios do Divino Feminino. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Herói de Mil Faces.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

CHRETIEN, Troyes. **Lancelot, o Cavaleiro da Carreta.** Tradução: Francisco Alves. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.

ELIADE, Mircea. **Capítulo III – A SACRALIDADE DA NATUREZA E A RELIGIÃO CÓSMICA.** In ELIADE, Mircea. **Sagrado e o profano. A essência das religiões.** Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos.** Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 2008.

MONMOUTH, Geoffrey de. **Vita Merlini.** Global Grey ebooks, 1925.

OSÓRIO, Andréa B. **Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina.** 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/UFRJ/PPGSA, Rio de Janeiro.

SICULUS, Diodorus. **The Library of History (Book V).** Vol. III, Loeb Classical Library edition, 1939.

QUINTINO, Claudio Crow. **A Religião da Grande Deusa – raízes históricas e sementes filosóficas.** São Paulo: Editora Gaia, 2000.

SCHWADE, Elisete. **Deusas Urbanas: Encontros, experiências e espaços neo-esotéricos no nordeste.** 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS/USP, São Paulo.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da Deusa.** Tradução: Maria Sílvia Mourão. São Paulo: Summus, 1991.